

Tradução de poesia: Uma análise de duas traduções de “Still I Rise”, de Maya Angelou

Fernanda Barbosa Guimarães
nandabarbosa06@hotmail.com

Maria Alejandra Saraiva Pasca
maria.pasca@unilasalle.edu.br

Resumo: Trabalhar como tradutor é um grande desafio e exige responsabilidade. Consequentemente, o profissional que deseja seguir nesse ramo deve ter o conhecimento dos mais diferentes tipos de texto a serem traduzidos; principalmente quando o texto a ser trabalhado é uma poesia, pois é um texto com particularidades difíceis de serem mantidas da língua fonte para a língua alvo. Esta é uma pesquisa acadêmica, teórica e comparativa, baseada em Rónai (2012), (Rose (1981), Niknasab e Pishbin (2001), Abbasi e Manafi Anari (2004), Prado (2011), Bandeira (1978), Junqueira (2012), Geronimo (2015). Através desses autores, é feita uma análise objetiva e comparativa das duas traduções do poema “Still I Rise”, feitas por Francesca Angiolillo e Walnice Nogueira Galvão. A partir disso, são explicadas as estratégias e escolhas utilizadas por essas tradutoras, com base na teoria da tradução.

Palavras-chave: Poesia; Maya Angelou; Tradução.

Poetry Translation: An Analysis of Two Translations of “Still I Rise”, by Maya Angelou.

Abstract: Working as a translator is a great challenge and requires responsibility. Consequently, the professional who wants to work in this area must have knowledge of the most different kinds of texts to be translated; especially when the text is poetry, because poetry is a text that has many particularities that are difficult to maintain in the translation. This article is an academic, theoretical and comparative research based on Rónai (2012), Rose (1981), Niknasab e Pishbin (2001), Abbasi e Manafi Anari (2004), Prado (2011), Bandeira (1978), Junqueira (2012), Geronimo (2015). Based on these authors, we make an objective and comparative analysis of two translations of the poem “Still I Rise”, one by Francesca Angiolillo and another by Walnice Nogueira Galvão. With the analysis, we explain the strategies and choices used by translators, considering the theory of translation.

Keywords: Poetry; Maya Angelou; Translation.

INTRODUÇÃO

Existem muitas dificuldades no trabalho de tradução, especialmente com relação à tradução de poesias devido a certas peculiaridades, como o contexto histórico na língua fonte (LF), as particularidades utilizadas pelo autor com significação e, muitas vezes, a rima e a métrica, que podem influenciar na interpretação da poesia.

Por isso, o tradutor deve conhecer muito bem em ambas as línguas: a língua fonte (LF) e a língua alvo (LA); a cultura de cada uma delas, para que possa entender as referências culturais muitas vezes usadas nos trocadilhos na LF; e saber como traduzir isso para a LA, de forma que faça sentido para o leitor e de forma que o leitor não perca a mensagem que o autor queria passar ao escrever o texto; e, por último, conhecer a identidade que o autor imprime na escrita, pois isso deve ser mostrado também na tradução, para que não haja perda de mensagem.

Tendo como base todos os conhecimentos citados anteriormente, o tradutor será capaz de escolher as estratégias de tradução mais apropriadas. Assim, poderá manter a coerência entre o texto original e a versão traduzida.

O foco principal deste artigo é analisar as traduções de “Still I Rise” feitas por Francesca Angiolillo e Walnice Nogueira Galvão, destacando as estratégias escolhidas pelas tradutoras e a diferenças entre elas. No primeiro momento, abordamos a teoria da tradução de poesia citando alguns autores que se dedicam a essa área, como Rose (1981), Niknasab e Pishbin (2001), Abbasi e Manafí Anari (2004), Prado (2011), Bandeira (1978), Junqueira (2012), Geronimo (2015), Rónai (2012). Apresentamos, também, as estratégias que os tradutores podem aplicar ao traduzir uma poesia. No terceiro capítulo, intitulado “Maya Angelou e “Still I Rise””, discorremos sobre a autora da poesia e seu texto original, fazendo uma análise breve do significado de cada verso e estrofe. No capítulo 4, apresentamos as duas traduções a serem analisadas, uma análise de cada uma delas e a comparação entre as traduções e, no capítulo 5, são apresentadas as considerações finais.

TEORIA E PRÁTICA DA TRADUÇÃO

O termo tradução é polissêmico e pode significar o produto, ou seja, o texto traduzido; o processo do ato de traduzir; o trabalho, a atividade de traduzir; ou a disciplina, o estudo sendo tanto interdisciplinar quanto autônomo. Segundo Rose (1981),

O tradutor de poesia deve ser fluente e sensível à língua de origem; ele deve conhecer as matrizes culturais da língua materna, suas etimologias, sintaxe e gramática, bem como sua tradição poética. Ele deve se identificar cultural e politicamente com o poeta original incondicionalmente. Ele deve penetrar a exterioridade do texto original e se perder em sua intertextualidade. Para que a tradução se torne um poema, o tradutor também deve encontrar com sucesso as expectativas e sensibilidades da tradição poética da língua alvo. Assim, os tradutores de poesia mais bem-sucedidos são frequentemente aqueles que são bilíngues e biculturais e, acima de tudo, poetas na língua alvo. (ROSE, p. 136, 1981, tradução nossa)¹

Nesta seção são apresentados conceitos sobre a tradução de poesia, expondo as principais estratégias utilizadas ao traduzir esse tipo de texto (NIKNASAB e PISHBIN, 2001).

Tradução de poesia

A tradução poética, apesar de estar presente desde o início da história da literatura ocidental, passou a ser uma área de estudo e pesquisa somente no século XX; o mesmo ocorreu no Brasil apenas na segunda

¹ Tradução de “*The translator of poetry must be fluent in and sensitive to the source language; he must know the source language’s cultural matrices, its etymologies, syntax, and grammar, as well as its poetic tradition. He must culturally and politically identify himself wholeheartedly with the original poet. He must penetrate the exteriority of the original text and lose himself in its intertextuality. To make the translation become a poem, the translator must also meet successfully the expectations and sensibilities of the poetic tradition of the target language. Thus, the most successful translators of poetry are frequently those who happen to be bilingual and bicultural and, above all, poets in the target Language*” (ROSE, p. 136, 1981)

metade do século XX. Muitos dizem que “poesia não é traduzível” (PRADO, 2011). Para o grande tradutor e poeta Manuel Bandeira, existem poesias intraduzíveis, mas, ao mesmo tempo, “o poeta-tradutor pode achar em outra língua a mesma virtude musical em outra combinação de palavras” (BANDEIRA, 1978, p. 293). Milano (2004 apud JUNQUEIRA, 2012, p. 11) segue uma vertente parecida, ao afirmar que “a linguagem de um poeta não pode ser trasladada a outro idioma; pode-se traduzir o que ele quis dizer, mas não o que ele disse”.

É claro que ao traduzir este tipo de texto muitos aspectos da língua são perdidos, e isso corrobora o fato de que tradução poética está longe de ser algo mecânico, pois traduzir é muito mais do que transpassar o significado das palavras, traduzir é compreender o texto a ser traduzido, é refletir sobre este texto e dosar os elementos mais importantes e essenciais a serem mantidos no momento da tradução, isto é, saber capturar a essência do texto de partida. (GERONIMO, 2015)

Assim, os aspectos traduzíveis seriam os símiles e as metáforas, porque derivam de experiências sensoriais comuns aos humanos, não de hábitos verbais específicos de um local. Os intraduzíveis seriam a expressão verbal, as associações de ideias que se estabelecem entre as palavras de som semelhante, porém de significado diverso (homófonas), e os próprios sentidos das palavras usadas que têm ligação entre os sons e os valores rítmicos das palavras que fazem sentido através da interpretação (RÓNAI, 2012).

É essencial que todos os aspectos sejam levados em consideração com igual importância para que a qualidade do texto seja mantida, pois a espécie de tradução em que a poesia se perde é aquela que se preocupa unicamente com o sentido e a mensagem. Ainda que o ritmo seja apenas aproximado, que não seja possível salvar todas as rimas, que a harmonia imitativa de certos sons se perca, o leitor sentiria algo da magia do original, que só uma transposição das ideias nunca lhe haveria dado (RÓNAI, 2012, p.173).

A variedade de fatores que interferem na tradução de uma poesia para outra língua, chamada de tradução interlingual, é enorme. Não existe a tradução exata, mas sim diferentes estratégias escolhidas pelo tradutor que são traçadas pela bagagem do mesmo, isso inclui a história de vida, interesses e necessidades – poderíamos dizer que é até mesmo um tanto pessoal, um verdadeiro processo de criação. Todo esse processo demanda um trabalho árduo de escolhas, devido às diferenças estruturais de cada língua e diferenças culturais, pois nem todas as palavras possuem equivalentes perfeitos podendo dar mais destaque e importância para um elemento do que para outro (RÓNAI, 2012, p. 22). Assim como Britto (2012) diz:

No poema, tudo, em princípio, pode ser significativo; cabe ao tradutor determinar, para cada poema, quais são os elementos mais relevantes, que portanto devem necessariamente ser recriados na tradução, e quais são menos importantes e podem ser sacrificados – pois, como já vimos, todo ato de tradução implica perdas (BRITTO, 2012, p.120).

Abbasi e Manafi Anari (2004) destacam estratégias para a tradução de poesia. Essas estratégias são divididas em várias categorias, apresentadas a seguir:

- **Tradução fonêmica (Phonemic Translation)**

Este tipo de tradução é mais literal e fiel. Cada fonema é traduzido para um fonema no idioma alvo. Ela é aplicada somente em línguas que têm sistemas fonêmicos semelhantes.

- **Imitação estrófica (Stanza Imitation)**

Nesta estratégia, o tradutor apresenta uma representação literal do poema original e, ao mesmo tempo, imita o padrão de estrofe ou a estrutura do poema de origem. Ou seja, o tradutor tenta ser fiel ao conteúdo original e também reproduzir o formato.

- **Imitação de métrica (Meter Imitation)**

O tradutor, nesta estratégia, traduz o conteúdo mais perto do conteúdo original possível e, ao mesmo tempo, reproduz o padrão métrico dele.

- **Imitação do esquema de rimas (Imitation of the Rhyme Scheme)**

Nesta estratégia, o tradutor imita o padrão de rima do texto original.

- **Tradução literal do verso livre (Literal Blank Verse Translation)**

A poesia é trazida de forma literal, visando ao conteúdo original do poema em verso livre. Usando esta estratégia, o tradutor não precisa seguir o padrão de rima ou estrutura do poema presente no texto original. Sua única preocupação será tornar o poema mais fluido.

Niknasab e Pishbin (2001) subcategorizaram em três partes a estratégia de Tradução Livre (Free Translation), feita por Abbasi; Manafi Anari (2004): Tradução Rimada (*Rhymed Translation*), Tradução em Verso Livre (*Blank Verse Translation*) e Interpretação (*Interpretation*).

- **Tradução Rimada (Rhymed Translation)**

O texto é traduzido em versos rimados, independentemente da estrutura do texto original. Neste caso, o significado é sacrificado pela beleza formal. O tradutor produz um texto baseado nas normas e convenções da cultura da língua alvo.

- **Tradução em Verso Livre (Blank Verse Translation)**

Com esta estratégia o conteúdo é primordial. Não há necessidade de se preocupar com características formais como rima, ritmo, métrica, forma.

- **Interpretação (Interpretation)**

Este é o tipo mais livre de estratégia de tradução para poesia. Os principais conceitos do poema original são extraídos e ele é recriado, utilizando como base o estilo do próprio tradutor. O outro nome desta estratégia é a imitação.

Levando em conta essas questões sobre teoria e prática da tradução, em especial sobre tradução de poesia, apresentamos, a seguir, informações sobre a autora, Maya Angelou, e sua poesia, “Still I Rise”, foco de nossa análise.

MAYA ANGELOU E “STILL I RISE”²

Maya Angelou, nascida no dia 4 de abril de 1928 em St. Louis, Missouri, foi uma autora norte-americana, poeta e memorialista que colaborou com Martin Luther King Jr. e Malcolm X durante o movimento dos Direitos Civis. Seu livro mais popular é *I Know Why The Caged Bird Sings* (1969), que fala sobre sua vida e as dificuldades que enfrentou, fazendo dela uma inspiração para pessoas de todo o mundo. Angelou também teve uma grande carreira como cantora, dançarina, atriz, compositora e foi a primeira mulher negra a ser diretora em Hollywood.

Em 1993, foi convidada para recitar seu poema *On the Pulse of the Morning* (1993) no dia da

² <https://www.mayaangelou.com/>

posse presidencial de Bill Clinton. Em 2013, a autora recebeu o prêmio intitulado *Literarian Award*, por contribuições para a comunidade literária. Em 2011, o presidente Barack Obama concedeu-lhe a maior honra civil dos Estados Unidos da América, a *Presidential Medal of Freedom* – a maior honraria civil dos Estados Unidos. Angelou faleceu em 2014, aos 86 anos.

“*And Still I Rise*” é o terceiro volume de poesia da autora Maya Angelou, publicado pela Random House em 1978, onde o poema “*Still I Rise*” apareceu pela primeira vez. As produções da autora são conhecidas por abordarem vida, cultura e história afro-americanas. Neste poema não foi diferente. Angelou fala sobre a vida, a beleza e as dificuldades afro-americanas de sua época. O eu lírico representa as americanas negras, incluindo a própria autora e sua história de vida, conforme pode ser visto a seguir.

Still I Rise³

1.	You may write me down in history	A	
2.	With your bitter, twisted lies,	B	
3.	You may trod me in the very dirt	C	Estrofe 1
4.	But still, like dust, I'll rise.	B	4 versos
5.	Does my sassiness upset you?	A	
6.	Why are you beset with gloom?	B	
7.	'Cause I walk like I've got oil wells	C	Estrofe 2
8.	Pumping in my living room.	B	4 versos
9.	Just like moons and like suns,	A	
10.	With the certainty of tides,	B	
11.	Just like hopes springing high,	C	Estrofe 3
12.	Still I'll rise.	B	4 versos
13.	Did you want to see me broken?	A	
14.	Bowed head and lowered eyes?	B	
15.	Shoulders falling down like teardrops,	C	Estrofe 4
16.	Weakened by my soulful cries?	B	4 versos
17.	Does my haughtiness offend you?	A	
18.	Don't you take it awful hard	B	Estrofe 5
19.	'Cause I laugh like I've got gold mines	C	4 versos
20.	Diggin' in my own backyard.	B	
21.	You may shoot me with your words,	A	
22.	You may cut me with your eyes,	B	Estrofe 6
23.	You may kill me with your hatefulness,	C	4 versos
24.	But still, like air, I'll rise.	B	
25.	Does my sexiness upset you?	A	
26.	Does it come as a surprise	B	
27.	That I dance like I've got diamonds	C	Estrofe 7
28.	At the meeting of my thighs?	B	4 versos
29.	Out of the huts of history's shame	A	
30.	I rise	B	
31.	Up from a past that's rooted in pain	C	
32.	I rise	B	Estrofe 8
33.	I'm a black ocean, leaping and wide,	D	6 versos
34.	Welling and swelling I bear in the tide.	D	
35.	Leaving behind nights of terror and fear	A	
36.	I rise	B	
37.	Into a daybreak that's wondrously clear	A	
38.	I rise	B	
39.	Bringing the gifts that my ancestors gave,	C	Estrofe 9
40.	I am the dream and the hope of the slave.	C	9 versos
41.	I rise	B	
42.	I rise	B	
43.	I rise.	B	

O poema foi escrito utilizando, em sua maioria, o esquema ABCB. ABCB é um esquema de rima alternada entre versos soltos, pois os versos pares rimam enquanto que os ímpares não. Os versos são heterométricos, ou seja, não seguem um padrão métrico. Ao todo são 9 estrofes e 43 versos.

O recurso de repetição é utilizado no início de vários versos, como forma de reforçar uma ideia. Nesta poesia, encontramos dois exemplos: “you may”, repetida 5 vezes e “I rise” ou “I’ll rise”, repetidas 10 vezes.

A autora utiliza *símile*³, também chamada de comparação, em diversas estrofes. Essa figura de linguagem passa a mensagem de uma forma mais visual, como por exemplo, no 4º verso “*But still, like dust, I’ll rise*”, onde o eu lírico se compara à poeira que se levanta. Esse tipo de figura de linguagem aparece outras oito vezes na poesia, nos versos 7, 8, 9, 15, 19, 20, 24, 27 e 28.

A poesia também possui *metáforas*⁴, como quando o eu lírico diz ser um oceano negro, no 33º verso, onde se lê “*I’m a Black ocean, leaping and wide*”. Isso se repete nos versos 21, 22, 23, 29, 31, 34 e 40. Também é usada a *prosopopeia*⁵ ou personificação, isto é, a atribuição de ações, qualidades e sentimentos próprios dos seres humanos a seres irracionais ou a objetos inanimados. Exemplos claros disso estão nos versos 11 e 16, onde se lê “*Weakened by my soulful cries?*”⁶.

Na 1ª estrofe, o eu lírico declara que ninguém pode oprimi-lo e que não se importa com o que os livros de história dizem com suas “mentiras destorcidas”. Independentemente disso, ele se erguerá. Neste trecho, a autora usa a metáfora da poeira que se levanta. Na 2ª estrofe, o eu lírico indaga se a forma de agir e falar dele o incomoda – referindo-se à sociedade. Usando uma figura de linguagem “poços de petróleo que bombeiam na minha sala de estar” a autora faz uma associação entre petróleo e sucesso. A 3ª estrofe traz elementos da natureza, com os quais o eu lírico se compara. Lua, sol e marés levando ao entendimento de que o eu lírico é tão forte quanto uma força da natureza.

As estrofes 4, 5, 6 e 7 trazem perguntas à sociedade da época, que era reconhecidamente opressora, racista e segmentadora. Através dessas perguntas cortantes e incriminatórias, o eu lírico chama a atenção do leitor, ao mesmo tempo enaltecendo que, apesar de todos os problemas, ele continua sendo bem-sucedido e demonstra autoconfiança, usando “minas de ouro” como sinônimo para o sucesso.

Na 8ª estrofe, o eu lírico refere-se ao passado, demonstrando o ressentimento que tem para com o passado escravo de seu povo. Na 9ª, e última estrofe, ele apresenta sua pretensão de deixar para trás todos os efeitos e consequências da escravidão e da história de opressão, deixando o terror e o medo “até um amanhecer maravilhosamente claro” e não permitindo que a dor do passado o impeça de se tornar tudo o que sempre sonhou ser. Para enfatizar essa certeza, é repetido três vezes o verso “eu me levanto”.

³ Comparação ou *símile* consiste em estabelecer um confronto entre dois termos da oração, a fim de ressaltar a semelhança entre eles. Na comparação nota-se a presença dos conectivos: *como, tal como, assim como, que nem*. Assim: Foi rápido, *como o olhar*, o gesto de Iracema. (J. de Alencar) (CUNHA, 2008, p. 357)

⁴ A metáfora consiste na alteração do sentido de uma palavra ou expressão, pelo acréscimo de um segundo significado, havendo entre eles uma relação de semelhança. Assim: Ele era *um pássaro*, nascera para cantar. (V. de Moraes) (CUNHA, 2008, p. 358)

⁵ A personificação ou *prosopopeia* consiste em atribuir características humanas a seres inanimados ou irracionais: Havia *estrelas infantis* a *balbuciar* preces matinais no céu deliquescente. (V. de Moraes) (CUNHA, 2008, p. 365)

⁶ “Com a alma a gritar enfraquecida? ”, segundo a tradução de Francesca Angiolillo, 2014.

COMPARAÇÃO ENTRE DUAS TRADUÇÕES DO POEMA ‘STILL I RISE’

A tradução de poesia é um ramo da tradução que causa grande furor nas discussões. As análises das traduções são frequentemente voltadas para a comparação com o original e menos vistas como um processo sistemático e objetivo, de escolhas metódicas e de forma deliberada. Britto (2002) evidencia que a “tarefa do tradutor de poesia será, pois, a de recriar, utilizando os recursos da língua-meta, os efeitos de sentido e forma do original — ou, ao menos, uma boa parte deles”.

Assim, na tradução de poesia, deve-se analisar o quanto o tradutor obteve de êxito na tarefa. Analisamos aqui as traduções feitas por Francesca Angiolillo e Walnice Nogueira nos atendo a como os aspectos visuais, os esquemas de rimas e os aspectos semânticos do texto original foram apresentados nas traduções em português brasileiro.

Tradução de Francesca Angiolillo⁷

Francesca Angiolillo traduziu o poema “*Still I Rise*” e publicou a tradução na página online da Folha de S. Paulo no ano de 2014. A tradutora tem diversos artigos jornalísticos publicados nacional e internacionalmente, com temas voltados para cultura, arte e literatura.

⁷<http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/38982/francesca-alessandra-ferreira-angiolillo?q=Francesca%20Alessandra%20Ferreira%20Angiolillo>

Ainda assim me levanto

1.	Você pode me inscrever na história	A	
2.	Com as mentiras amargas que contar	B	
3.	Você pode me arrastar como pó,	C	Estrofe 1
4.	Ainda assim, como pó, vou me levantar	B	4 versos
5.	Minha elegância o perturba?	A	
6.	Por que você afunda no pesar?	B	
7.	Porque eu caminho como se eu tivesse	C	Estrofe 2
8.	Petróleo jorrando na sala de estar	B	4 versos
9.	Assim como a lua e o sol	A	
10.	Com a certeza das ondas no mar	B	
11.	Como se ergue a esperança	C	Estrofe 3
12.	Ainda assim, vou me levantar	B	4 versos
13.	Você queria me ver abatida?	A	
14.	Cabeça baixa, olhar caído,	B	Estrofe 4
15.	Ombros curvados como lágrimas,	C	4 versos
16.	Com a alma a gritar enfraquecida?	A	
17.	Minha altivez o ofende?	A	
18.	Não leve isso tão a mal	B	
19.	Só porque eu rio como se tivesse	C	Estrofe 5
20.	Minas de ouro no quintal	B	4 versos
21.	Você pode me fuzilar com palavras	A	
22.	E me retalhar com seu olhar	B	
23.	Pode me matar com seu ódio	C	Estrofe 6
24.	Ainda assim, como ar, vou me levantar	B	4 versos
25.	Minha sensualidade o agita	A	
26.	E você, surpreso, se admira	B	Estrofe 7
27.	Ao me ver dançar como se tivesse	C	4 versos
28.	Diamantes na altura da virilha?	D	
29.	Das choças dessa história escandalosa	A	
30.	Eu me levanto	B	
31.	De um passado que se ancora doloroso	C	
32.	Eu me levanto	B	
33.	Sou oceano negro, vasto e irrequieto	B	
34.	Indo e vindo contra as marés eu me elevo	D	
35.	Esquecendo noites de terror e medo	A	Estrofe 8
36.	Eu me levanto	B	13 versos
37.	Numa luz incomumente clara de manhã cedo	A	
38.	Eu me levanto	B	
39.	Trazendo os dons dos meus antepassados	C	
40.	Eu sou o sonho e as esperanças dos escravos	D	
41.	Eu me levanto	B	

A tradutora utilizou, em sua maioria, o esquema ABCB, assim como foi utilizado por Angelou no poema original. Os versos são heterométricos, ou seja, não seguem um padrão métrico. Ao todo, há nesta tradução 8 estrofes e 41 versos.

O recurso de repetição também é utilizado no início de vários versos. A tradutora respeitou o padrão de repetição do original utilizando “Você pode” e “Pode” 4 das 5 vezes que “*You may*” aparece. Quanto à repetição de “*I rise*” e “*I’ll rise*”, a tradutora mantém 8 das 10 repetições, utilizando “Eu me levanto” e “Vou me levantar” no lugar, conforme pode ser visto nas comparações abaixo:

Quadro 1. Comparações de “*You may*”, na Tradução 1, de Angiolillo (2014)

Estrofe 1 – Original	Estrofe 1 – Tradução 1
You may write me down in history With your bitter, twisted lies, You may trod me in the very dirt But still, like dust, I'll rise.	Você pode me inscrever na história Com as mentiras amargas que contar Você pode me arrastar como pó, Ainda assim, como pó, vou me levantar
Estrofe 6 – Original	Estrofe 6 – Tradução 1
You may shoot me with your words, You may cut me with your eyes, You may kill me with your hatefulness, But still, like air, I'll rise.	Você pode me fuzilar com palavras E me retalhar com seu olhar Pode me matar com seu ódio Ainda assim, como ar, vou me levantar

Fonte: autoria própria, 2018.

Quadro 2. Comparações de “*I rise*” e “*I'll rise*”, na Tradução 1, de Angiolillo (2014)

Estrofe 1 – Original	Estrofe 1 – Tradução 1
But still, like dust, I'll rise.	Ainda assim, como pó, vou me levantar.
Estrofe 3 – Original	Estrofe 3 – Tradução 1
Still I'll rise.	Ainda assim, vou me levantar.
Estrofe 6 – Original	Estrofe 6 – Tradução 1
But still, like air, I'll rise.	Ainda assim, como ar, vou me levantar.
Estrofe 8 e 9 – Original	Estrofe 8 – Tradução 1
Out of the huts of history's shame I rise Up from a past that's rooted in pain I rise I'm a black ocean, leaping and wide, Welling and swelling I bear in the tide. (...) Leaving behind nights of terror and fear I rise Into a daybreak that's wondrously clear I rise Bringing the gifts that my ancestors gave, I am the dream and the hope of the slave. I rise I rise I rise.	Das choças dessa história escandalosa Eu me levanto De um passado que se ancora doloroso Eu me levanto Sou oceano negro, vasto e irrequieto Indo e vindo contra as marés eu me elevo. Esquecendo noites de terror e medo Eu me levanto Numa luz incomumente clara de manhã cedo Eu me levanto Trazendo os dons dos meus antepassados Eu sou o sonho e as esperanças dos escravos. Eu me levanto.

Fonte: autoria própria, 2018.

As símiles são mantidas. As comparações são feitas da mesma forma que no original, conforme quadro comparativo 3, a seguir:

Quadro 3. Comparação das símile, na Tradução 1, de Angiolillo (2014)

Estrofe 1 – Original	Estrofe 1 – Tradução 1
But still, like dust , I'll rise.	Ainda assim, como pó , vou me levantar.
Estrofe 2 – Original	Estrofe 2 – Tradução 1
'Cause I walk like I've got oil wells Pumping in my living room.	Porque eu caminho como se eu tivesse Petróleo jorrando na sala de estar
Estrofe 3 – Original	Estrofe 3 – Tradução 1
Just like moons and like suns , With the certainty of tides,	Assim como a lua e o sol Com a certeza das ondas no mar
Estrofe 4, 5 e 6 – Original	Estrofe 4, 5 e 6 – Tradução 1
Shoulders falling down like teardrops , (...) 'Cause I laugh like I've got gold mines Diggin' in my own backyard . (...) But still, like air , I'll rise.	Ombros curvados como lágrimas , (...) Só porque eu rio como se tivesse Minas de ouro no quintal (...) Ainda assim, como ar , vou me levantar
Estrofe 7 – Original	Estrofe 6 – Tradução 1
That I dance like I've got diamonds At the meeting of my thighs?	Ao me ver dançar como se tivesse Diamantes na altura da virilha?

Fonte: autoria própria, 2018.

Assim como as símile, as metáforas e prosopopeias foram respeitadas nesta versão, sendo utilizadas em sua completude, conforme pode ser observado nos quadros 4 e 5, a seguir:

Quadro 4. Comparação das metáforas, na Tradução 1, de Angiolillo (2014)

Estrofe 6 – Original	Estrofe 6 – Tradução 1
You may shoot me with your words , You may cut me with your eyes , You may kill me with your hatefulness ,	Você pode me fuzilar com palavras E me retalhar com seu olhar Pode me matar com seu ódio
Estrofe 8 – Original	Estrofe 8 – Tradução 1
Out of the huts of history's shame (...) I'm a black ocean , leaping and wide, Welling and swelling I bear in the tide.	Das choças dessa história escandalosa (...) Sou oceano negro , vasto e irrequieto Indo e vindo contra as marés eu me elevo.
Estrofe 9 – Original	Estrofe 8 – Tradução 1
Bringing the gifts that my ancestors gave, I am the dream and the hope of the slave.	Trazendo os dons dos meus antepassados Eu sou o sonho e as esperanças dos escravos.
Bringing the gifts that my ancestors gave, I am the dream and the hope of the slave.	Trazendo os dons dos meus antepassados Eu sou o sonho e as esperanças dos escravos.

Fonte: autoria própria, 2018.

Quadro 5. Comparação das prosopopeias, na Tradução 1, de Angiolillo (2014)

Estrofe 3 – Original	Estrofe 8 – Tradução 1
Just like hopes springing high ,	Como se ergue a esperança
Estrofe 4 – Original	Estrofe 8 – Tradução 1
Weakened by my soulful cries?	Com a alma a gritar enfraquecida?

Fonte: autoria própria, 2018.

Segundo as estratégias de tradução de Abbasi e Manafi Anari (2004), citadas na sessão 2.1, Angiolillo utiliza a *Imitação Estrófica*, quase que perfeitamente, pois ela diminui o padrão estrófico de 9 para 8 estrofes. Além dessa estratégia, pode-se dizer que a tradução também se encaixa em *Imitação do Esquema*, pois o padrão ABCB, predominante no texto original é utilizado em 5 das 8 estrofes.

A seguir, apresento a tradução por Walnice Nogueira Galvão (2014), para que possam ser feitas comparações entre as opções utilizadas pelas tradutoras para o mesmo poema.

Tradução de Walnice Nogueira Galvão⁸

A tradutora de “Ainda me levanto”, Walnice Nogueira Galvão, tem quarenta livros publicados, foi docente em diversas universidades no exterior e escreve para revistas e jornais. A tradução a seguir foi publicada no ano de 2014, na edição 123 da Revista Teoria e Debate.

⁸ <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787795H3>

Ainda me levanto

1.	Podes inscrever-me na História	A	
2.	Em mentiras amargas e retorcidas.	B	
3.	Podes espezinhar-me no chão sujo	C	
4.	Mas ainda assim, como a poeira, vou-me levantar.	D	Estrofe 1
5.	Minha impertinência incomoda?	E	5 versos
6.	Por que ficas soturno	A	
7.	Ao me ver andar como se tivesse em casa	B	
8.	Poços de petróleo jorrando?	C	
9.	Como as luas e como os sóis,	D	Estrofe 2
10.	Como a constância das marés,	E	7 versos
11.	Como a esperança alçando voo,	F	
12.	Assim me levanto.	G	
13.	Querias ver-me alquebrada?	A	
14.	Cabeça pensa e olhos baixos?	B	
15.	Ombros caídos como lágrimas,	C	Estrofe 3
16.	Enfraquecida de tanto pranto?	D	5 versos
17.	Minha altivez o ofende?	F	
18.	Não leve tão a peito assim:	A	
19.	Eu rio como quem minera ouro	B	
20.	Em seu próprio quintal	C	
21.	Podes fuzilar-me com palavras	D	Estrofe 4
22.	Podes lanhar-me com os olhos	E	7 versos
23.	Podes matar-me com malevolência	F	
24.	Mas ainda assim, como o ar, eu me levanto	G	
25.	Minha sensualidade perturba?	A	
26.	Por acaso te surpreende	B	
27.	Que eu dance como quem tem diamantes	C	Estrofe 5
28.	Ali onde as coxas se encontram?	D	4 versos
29.	Do fundo das cabanas da humilhação	A	
30.	Me levanto	B	
31.	Do fundo de um pretérito enraizado na dor	C	
32.	Me levanto	B	
33.	Sou um oceano negro, marulhando e infinito,	D	
34.	Sou maré em preamar	E	
35.	Para além de atrozes noites de terror	C	Estrofe 6
36.	Me levanto	B	15 versos
37.	Rumo a uma aurora deslumbrante	F	
38.	Me levanto	B	
39.	Trazendo as oferendas de meus ancestrais	G	
40.	Portando o sonho e a esperança do escravo	H	
41.	Ainda me levanto	B	
42.	Me levanto	B	
43.	Me levanto	B	

Galvão não utiliza o padrão ABCB do texto original, sendo que as poucas rimas finais presentes são, em sua totalidade, por repetição. A tradutora dispôs o poema de uma forma diferente da forma do original: ao invés de 9 estrofes, como no original, formou 6 estrofes, reorganizando os 43 versos dentro deste número menor de estrofes.

Conforme pode ser visto nos quadros 6 e 7, a seguir, a repetição no início dos versos 1, 3, 21, 22 e 23 é a mesma encontrada no original. Foi utilizado o verbo “poder”, conjugado na segunda pessoa do singular no presente simples, “podes”, e com sujeito oculto (“tú”), no lugar de “You may”. Para “*I rise*” e “*I’ll rise*”, que aparecem 10 vezes no original, foi adotado “me levanto” 8 vezes, sujeito oculto (“eu”); “eu me levanto” uma vez, com sujeito simples e uma vez “vou-me levantar”, ênclise (colocação do pronome “me” após o verbo).

Quadro 6. Comparações de “*You may*”, na Tradução 2, de Galvão (2014)

Estrofe 1 – Original	Estrofe 1 – Tradução 2
You may write me down in history With your bitter, twisted lies, You may trod me in the very dirt But still, like dust, I'll rise.	Podes inscrever-me na História Em mentiras amargas e retorcidas. Podes espezinhar-me no chão sujo (...)
Estrofe 6 – Original	Estrofe 4 – Tradução 2
You may shoot me with your words, You may cut me with your eyes, You may kill me with your hatefulness, But still, like air, I'll rise.	(...) Podes fuzilar-me com palavras Podes lanhar-me com os olhos Podes matar-me com malevolência (...)

Fonte: autoria própria, 2018.

Quadro 7. Comparações de “*I rise*” e “*I'll rise*”, na Tradução 2, de Galvão (2014)

Estrofe 1 – Original	Estrofe 1 – Tradução 2
But still, like dust, I'll rise.	Mas ainda assim, como a poeira, <u>vou-me levantar.</u>
Estrofe 3 – Original	Estrofe 2 – Tradução 2
Still I'll rise.	Assim me levanto
Estrofe 6 – Original	Estrofe 4 – Tradução 2
But still, like air, I'll rise.	Ainda assim, como ar, eu me levanto
Estrofe 8 e 9 – Original	Estrofe 6 – Tradução 2
Out of the huts of history's shame I rise Up from a past that's rooted in pain I rise I'm a black ocean, leaping and wide, Welling and swelling I bear in the tide. (...) Leaving behind nights of terror and fear I rise Into a daybreak that's wondrously clear I rise Bringing the gifts that my ancestors gave, I am the dream and the hope of the slave. I rise I rise I rise.	Do fundo das cabanas da humilhação Me levanto Do fundo de um pretérito enraizado na dor Me levanto Sou um oceano negro, marulhando e infinito, Sou maré em preamar Para além de atrozes noites de terror Me levanto Rumo a uma aurora deslumbrante Me levanto Trazendo as oferendas de meus ancestrais Portando o sonho e a esperança do escravo Ainda me levanto Me levanto Me levanto

Fonte: autoria própria, 2018.

As metáforas e símiles são mantidas, conforme Quadros 8 e 9, mas a linguagem e a separação utilizadas pela tradutora tiram o ritmo cadenciado que o original tem. Abaixo, são apresentados os quadros de comparações das três figuras de linguagem – símile, metáfora e prosopopeia – em ambos os textos (original e tradução):

Quadro 8. Comparação das símiles, na Tradução 2, de Galvão (2014)

Estrofe 1 – Original	Estrofe 1 – Tradução 2
But still, like dust , I'll rise.	Mas ainda assim, como a poeira, you-me levantar .
Estrofe 2 e 3 – Original	Estrofe 2 – Tradução 2
Does my sassiness upset you? Why are you beset with gloom? 'Cause I walk like I've got oil wells Pumping in my living room. Just like moons and like suns, With the certainty of tides, Just like hopes springing high, Still I'll rise.	(...) Ao me ver andar como se tivesse em casa Poços de petróleo jorrando? Como as luas e como os sóis, Como a constância das marés, Como a esperança alçando voo, (...)
Estrofe 5 – Original	Estrofe 4 – Tradução 2
'Cause I laugh like I've got gold mines Diggin' in my own backyard. (...) But still, like air , I'll rise.	Eu rio como quem minera ouro Em seu próprio quintal (...) Mas ainda assim, como o ar , eu me levanto
Estrofe 7 – Original	Estrofe 5 – Tradução 2
That I dance like I've got diamonds At the meeting of my thighs?	Que eu dance como quem tem diamantes Ali onde as coxas se encontram?

Fonte: autoria própria, 2018.

Quadro 9. Comparação das metáforas, na Tradução 2, de Galvão (2014)

Estrofe 6 – Original	Estrofe 4 – Tradução 2
You may shoot me with your words , You may cut me with your eyes , You may kill me with your hatefulness ,	Podes fuzilar-me com palavras Podes lanhar-me com os olhos Podes matar-me com malevolência
Estrofe 8 e 9 – Original	Estrofe 6 – Tradução 2
Out of the huts of history's shame (...) I'm a black ocean , leaping and wide, Welling and swelling I bear in the tide. (...) Bringing the gifts that my ancestors gave, I am the dream and the hope of the slave.	Do fundo das cabanas da humilhação (...) Do fundo de um pretérito enraizado na dor (...) Sou um oceano negro , marulhando e infinito, Sou maré em preamar (...) Trazendo as oferendas de meus ancestrais Portando o sonho e a esperança do escravo (...)

Fonte: autoria própria, 2018.

Analisando o quadro comparativo 10, podemos constatar que as prosopopeias não são mantidas pela tradutora. Na Estrofe 3 do texto original, a autora utilizou “Just like hopes springing high”, “like” seria o conectivo “como”, necessário para que a comparação seja considerada uma prosopopeia. Porém, a tradutora utiliza uma metáfora “esperança alçando voo”, ou seja não há conectivo de comparação⁹.

⁹ Conforme a nota de rodapé 5.

Quadro 10. Comparação das prosopopeias, na Tradução 2, de Galvão (2014)

Estrofe 3 – Original	Estrofe 2 – Tradução 2
Just like hopes springing high,	Não há. A autora utiliza “esperança alçando voo”. O que não caracteriza uma prosopopeia.
Estrofe 4 – Original	Estrofe 3 – Tradução 2
Weakened by my soulful cries?	Não há, autora não usa figura de linguagem, o eu lírico diz estar enfraquecido de tanto chorar.

Fonte: autoria própria, 2018.

Segundo as estratégias de tradução de Abbasi e Manafi Anari (2004), citadas na sessão 2.1, Galvão (2014) utiliza a *Tradução literal de verso livre*, focando no formato *Tradução em Verso Livre*. Chegamos a essa conclusão já que as características formais, como a rima, métrica e forma, não foram o foco principal da tradutora, uma vez que o número de estrofes, esquema de rimas e o ritmo cadenciado não estão presentes na tradução.

Análise das estratégias e comentários

Francesca Angiolillo e Walnice Nogueira Galvão seguem estratégias muito distintas em suas traduções. Angiolillo utiliza *Imitação Estrófica* enquanto que Galvão utiliza *Tradução em Verso Livre*. A explicação dos termos está presente na sessão 2.1 - Tradução de poesia. Como meio de ilustrarmos algumas diferenças, apresentamos abaixo um quadro de comparação entre os três textos de trechos correspondentes, apontando as partes técnicas que se diferenciam ou não nas duas traduções.

Quadro 11. Comparação entre o original e as duas traduções

Estrofe 1 – Original	Estrofe 1 – Tradução 1	Estrofe 1 – Tradução 2
You may write me down in history With your bitter, twisted lies, You may trod me in the very dirt But still, like dust, I'll rise.	Você pode me inscrever na história Com as mentiras amargas que contar Você pode me arrastar como pó, Ainda assim, como pó, vou me levantar	Podes inscrever-me na História Em mentiras amargas e retorcidas. Podes espezinhar-me no chão sujo Mas ainda assim, como a poeira, vou-me levantar. Minha impertinência incomoda?
<ul style="list-style-type: none"> • 4 versos em uma estrofe • Esquema de rima ABCB 	<ul style="list-style-type: none"> • 4 versos em uma estrofe • Esquema de rima ABCB 	<ul style="list-style-type: none"> • 5 versos em uma estrofe • Esquema de rima ABCDE – livre • O último verso no texto original faz parte da estrofe 2

Fonte: autoria própria, 2018.

No entanto, o que mais chama a atenção são os aspectos mais visuais e práticos da linguagem utilizada nas traduções. As tradutoras apresentam algumas diferenças nesse sentido.

Angiolillo utiliza uma linguagem mais informal, com um vocabulário mais simples, o que se encaixa melhor levando em consideração a linguagem do texto original e o conceito histórico da autora de “Still I Rise”. Angelou foi, em sua infância, uma menina negra e pobre original do sul dos Estados Unidos, que lutou com os limites impostos pela sociedade, a dificuldade de aceitação e traumas decorrentes do racismo

e abusos. Foi abandonada pela mãe aos 3 anos, abusada sexualmente, sofreu com a discriminação e com o contexto forte e opressor de segregação racial. As figuras de linguagem estão muito presentes nos textos de Maya Angelou, esse aspecto tão característico dos seus textos é mantido na tradução de Angiolillo.

Já a versão de Galvão tem uma linguagem mais rebuscada, com palavras mais refinadas e formais. Um exemplo claro quanto à linguagem está presente no verso 13 em ambas as traduções, onde Angiolillo utiliza a palavra *abatida* e Galvão utiliza a palavra *alquebrada*. O mesmo ocorre na última estrofe das traduções, em que Angiolillo utiliza *passado e terror*, enquanto Galvão faz uso de *pretérito e atrocies*.

Levando em consideração os quadros de comparação feitos anteriormente, podemos concluir que dado o tom formal na versão de Galvão (2014), o emprego de figuras de linguagem, tal qual o texto original apresenta, não seria congruente.

Angiolillo (2014) e Galvão (2014) seguem caminhos totalmente distintos, o que foi comprovado através das comparações feitas neste artigo. Porém, quanto ao objetivo final, ambas mantiveram a mensagem original do texto, não fugindo do tema da poesia. As escolhas de linguagem, esquemas e estratégias foram muito diferentes, mas o respeito pelo texto original é demonstrado nas duas traduções para a língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos então à conclusão de que a poesia tem um universo cheio de possibilidades e que ela toma o rumo que o tradutor escolhe. Entendemos o responsável pela tradução literária como um recriador, cuja tradução será o resultado de uma complexa gama de fatores que envolvem suas experiências e concepções de vida e de tradução (RÓNAI, 2012).

É complexo dizer se uma tradução ficou melhor ou mais apropriada do que a outra, pois o processo tradutório de uma poesia é muito criativo e pessoal e a leitura da mesma segue o mesmo caminho. Por vezes, a rima ou a palavra traduzida literalmente não encaixaria bem e a tradução se transformaria em uma colcha de retalhos sem arremate. Ou seja, não teria a fluidez necessária, como a fluidez que os textos do mesmo gênero apresentam normalmente.

Nesta análise, podemos ter contato com duas traduções que são produtos totalmente diferentes, embora o objeto de partida, ou seja, o texto original seja o mesmo. Percebemos, também, que é possível e proveitoso realizar uma análise mais objetiva com foco em critérios visuais e palpáveis como rima, vocabulário, figuras de linguagem, estrofes e versos do que em aspectos mais imprecisos como a essência passada pelo tradutor.

O uso de verso livre adotado por Galvão (2014) parece bater de frente com a sua escolha formal do uso das palavras, principalmente para quem leu o original. A mensagem não foi perdida, como já foi dito na sessão anterior, mas a forma na qual o texto original foi construído, com uma cadencia musical, mantida por Angiolillo (2014), foi perdida na tradução de Galvão.

Através dos quadros comparativos e da exposição dos três textos sendo analisados tecnicamente, chegamos à conclusão de que a tradução poética é possível. Mais do que possível, há diversos caminhos a serem seguidos durante sua execução. Assim como no processo de criação do texto, quando o autor é influenciado pelo meio e por sua experiência de vida, o mesmo ocorre com o tradutor no processo tradutório.

As literaturas, norte americana e brasileira, e as línguas, portuguesa e inglesa, mostraram o quão ricas são ao observarmos as diferentes combinações na criação de dois produtos que tiveram a mesma origem, a poesia “Still I Rise”.

REFERÊNCIAS

ABBASI, J.; MANAFI, A. Strategies of Poetry Translation: Reconstructing Content and Form. **Translation Studies**, Iran, v. 1, n. 4, 2004. p. 53-74.

ANGELOU, Maya. Ainda assim me levanto. Tradução de Francesca Angiolillo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/05/1461284-leia-traducao-do-poema-still-i-rise-de-maya-angelou.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2017.

ANGELOU, Maya. Ainda me levanto (Still I rise). Tradução de Walnice Nogueira Galvão. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, ed. 123, 2014. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/estantes/poesia/ainda-me-levanto-still-i-rise>>. Acesso em: 25 set. 2017.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

BASTOS, Beatriz Castro. Hilda Hilst: dois poemas, duas versões. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 6, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=fasciculo&fas=27139&NrSecao=X2> Acesso em: 25 set. 2017.

BASTOS, Beatriz Castro. O sentido e o som: três teorias da tradução de poesia em diálogo. **Tradterm**, São Paulo, v. 19, p. 164-187, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/47351>> Acesso em: 25 set. 2017.

BEZERRA, Paulo. A tradução como criação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 47-56, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47538/51267>> Acesso em: 13 set. 2017.

BRANDÃO, Liv. O desafio da tradução literária. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-desafio-da-traducao-literaria-19632352>> Acesso em: 26 out. 2017.

BRITTO, Paulo Henrique. Tradução de gente grande. **Língua portuguesa**, São Paulo, v. 5, n. 65, p. 10-13, mar. 2011.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GERONIMO, Vanessa. Como traduzir poesia? Teorias e práticas da tradução. **Qorpus**, Santa Catarina, n. 18, 2015. Disponível em: <<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-18/3865-2/>> Acesso em: 26 out. 2017.

GROSSMAN, Edith. From “Why Translation Matters”. **Words without Borders**, New York, abr. 2010. Disponível em: <<https://www.wordswithoutborders.org/article/from-why-translation-matters>>. Acesso em: 11 set. 2017.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. **Translation: An Advanced Resource Book**. New York: Routledge, 2004.

JUNQUEIRA, Ivan. A poesia é traduzível? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 9-14, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47533/51262>> Acesso em: 13 set. 2017.

LARANJEIRA, Mário. Sentido e significância na tradução poética. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 29-37, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47536/51265>> Acesso em: 13 set. 2017.

NIKNASAB, Leila; PISHBIN, Elham. On the Translation of Poetry: A Look at Sohrab Sepehri’s Traveler. **SKASE Journal of Translation and Interpretation**. Suécia, v. 5, n. 1, p. 02-23, 2001. Disponível em: <http://www.skase.sk/Volumes/JTI05/pdf_doc/01.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2018.

PAES, José Paulo. **Tradução: A Ponte Necessária**. São Paulo: Ática, 1990.

PRADO, Célia Luiza Andrade. Tradução, Paródia e paráfrase: as reescrituras poéticas de Manuel Bandeira. **TradTerm**, São Paulo, v. 18, p. 155-178, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/36760/39482>> Acesso em: 23 out. 2017.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Vivida**. São Paulo: José Olympio, 2012.

SANTOS, Eloina Prati dos. As minorias na literatura norte-americana. **Textura**, Canoas/RS, v. 3, n. 4, p. 03-12, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/%20690/501>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, um ato desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVEIRA, Brenno. **A arte de traduzir**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.